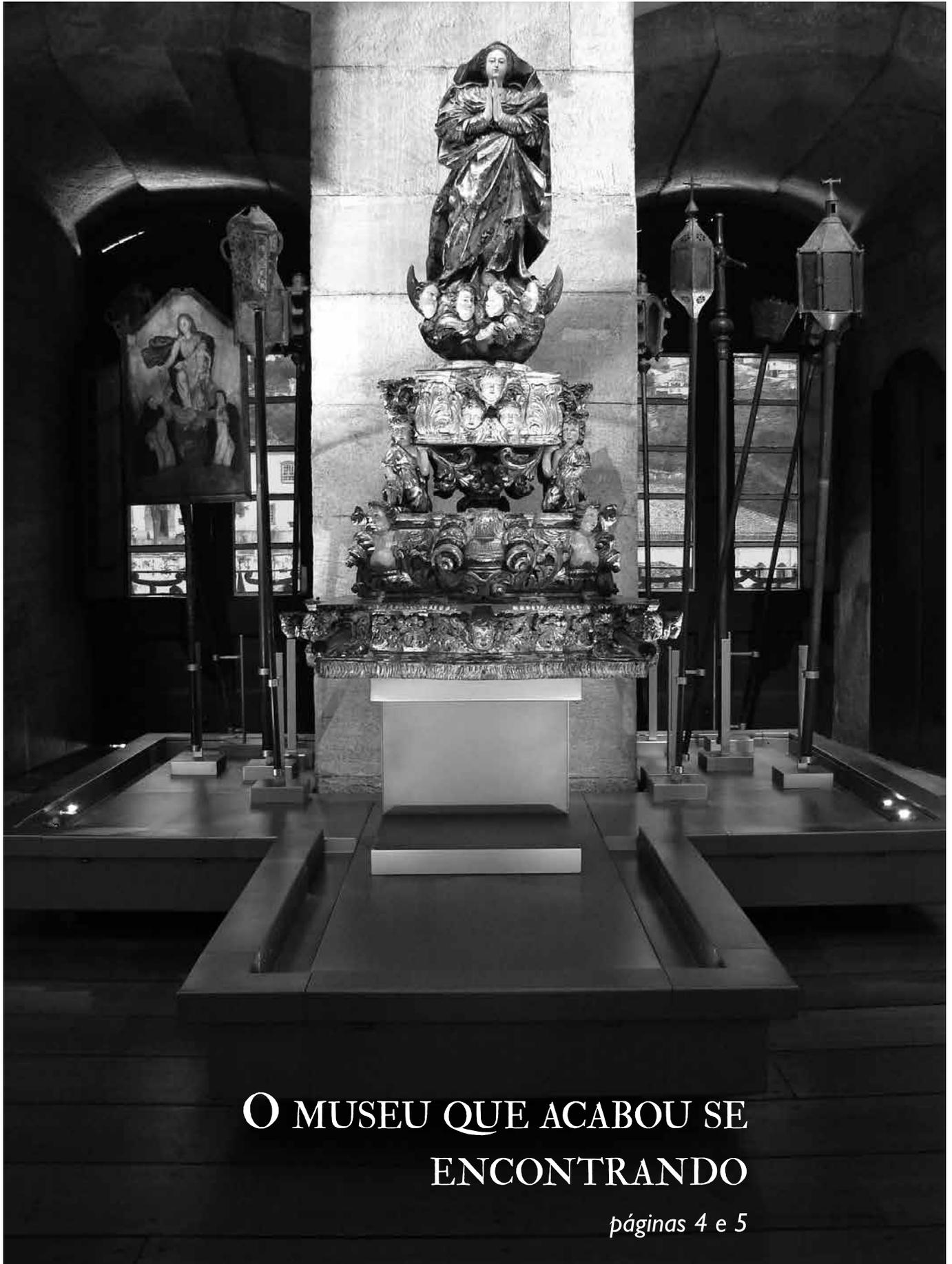




# *isto é inconfidência*

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO XVII • Nº 39 • 2015



O MUSEU QUE ACABOU SE  
ENCONTRANDO

*páginas 4 e 5*

# editorial

**E**m 2014 o Museu da Inconfidência, revigorado e debaixo de grande prestígio, chegava aos setenta anos. Definido o novo perfil da exposição de longa duração, houve possibilidade de revelar de fato o que havia sido a conspiração de 1789. Abandonando a tentativa pouco convincente de explicar o movimento como resultado da evolução de Minas Gerais, lentes de alta potência foram instaladas sobre Vila Rica, hoje Ouro Preto. Quanto mais procurou se envolver com a cidade, mais a instituição conseguiu manter fidelidade a seu tema.

A atividade mineradora, plano de fundo caracterizador por excelência do período, precisava ser posta em relevo. A maquete ilustrativa dos três processos da busca do ouro, cercada de objetos de tortura denunciando as condições dramáticas a que foram submetidos os escravos, principal força de trabalho da atividade extrativa, contextualiza de maneira forte a vida que naquelas imediações acontecia.

A apresentação na Sala da Inconfidência do mobiliário da residência do contratador João Rodrigues de Macedo, a maior fortuna do país à época, ao lado das peças da forca, teve como finalidade revelar a presença do dinheiro na conspiração, trama que terminou denunciada por Silvério dos Reis, outro participante que compunha o grupo dos endinheirados. Com seus largos recursos, Rodrigues de Macedo conseguiu ficar fora do processo da Devassa, mas depois das pesquisas de Kenneth Maxwell, não há como negar que não tenha participado do movimento, talvez até na condição de sustentáculo financeiro. Em sua casa foram realizadas reuniões conspiratórias e isso pôde ser mostrado por meio da representação de uma hipotética mesa de discussões subversivas, composta com a mesa e o banco de canto – mobiliário proveniente da sua casa de morada e negócios.

A exibição do livro que pertenceu a Tiradentes, considerado subversivo à época – *Recueil des lois constitutives des Etats Unis* –, numa estante que envolve outras obras, chama a atenção para as bibliotecas clandestinas que se formaram em Vila Rica, a exemplo da que pertenceu ao cônego Luiz Vieira da Silva, mananciais do pensamento revolucionário que já havia inspirado a independência dos Estados Unidos. A Sala da Inconfidência, onde essas publicações se encontram, foi pintada inteiramente de branco, com o objetivo de chamar atenção para o período iluminista, quando na França os filósofos da Enciclopédia defendiam os direitos fundamentais do homem, opondo-se ao absolutismo do poder divino dos reis.

A Sala do Império, onde se encontram a prensa que pertenceu ao padre Viegas, primeiro gravador mineiro, e uma série de publicações editadas em Ouro Preto chamam a atenção para o momento da conquista da liberdade de imprensa.

No mesmo local, acha-se exibido o Hino da Bandeira, de autoria de D. Pedro I, monarca que declarou a nossa autonomia. A exposição do Museu no primeiro pavimento termina assim, com a apresentação do país livre, sugerindo que foi o movimento político mineiro, embora frustrado, que efetivamente imprimiu conteúdo nacional à Independência. O grito do Ipiranga terá sido apenas manifestação formal de um ato diplomático, realizado com a mediação da Inglaterra, para a continuidade entre nós da dinastia dos Bragança.

*Capa:*

SALA DO TRIUNFO EUCARÍSTICO

FOTO ALDO ARAÚJO

## *isto é inconfidência*

**ANO XVII • Nº 39 • 2015**

ISSN 2177-0212

*Presidente da República*

Dilma Rousseff

*Ministro da Cultura*

Juca Ferreira

*Presidente do Instituto Brasileiro de Museus*

Carlos Roberto Ferreira Brandão

*Diretor do Museu da Inconfidência*

Rui Mourão

*Publicação do*

**IBRAM - MinC - Museu da Inconfidência**

**Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000**

**Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil**

**Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233**

**[inconfidencia@veloxmail.com.br](mailto:inconfidencia@veloxmail.com.br)**

**Tiragem:**

1500 exemplares

**Periodicidade:**

trimestral

**Projeto Gráfico:**

Laís Freire dos Reis

**Editor:**

Rui Mourão



GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA

**A**pós décadas abrindo somente ao meio-dia, o Museu da Inconfidência estendeu seu período de visitação. Desde a primeira quinzena de dezembro, as portas são descerradas a partir das 10h, de terça a domingo. A mudança cumpre a Portaria nº 232/2011, que determina o funcionamento das instituições ligadas ao Instituto Brasileiro de Museus, Ibram, aos sábados, domingos e feriados por, no mínimo, quatro horas e, em dias úteis, por prazo igual ou superior a sete horas.

O acréscimo do turno da manhã como opção para conhecer as exposições foi recebido com entusiasmo por turistas, funcionários e educadores. De acordo com

“Geralmente, eles já passaram por outras localidades e querem uma visita objetiva. O Museu da Inconfidência agrega o conteúdo de outros pontos turísticos. Crio o trabalho a partir dele”, relata.

### Educação, turismo e postos de trabalho

A facilidade de planejamento dada pela abertura do Museu pela manhã faz com que as excursões de grupo sejam mais bem aproveitadas. Exemplo disso é o trabalho conjunto em torno do poema *Os Inconfidentes*, de Cecília Meireles, feito pelos professores Tatiene Rodrigues, de História, e Alexander Mário da Cunha, de

## Manhãs no Inconfidência



CLÁUDIA KLOCK

ESCOLARES EM VISITA À SALA DO ALEIJADINHO

o supervisor de segurança do Inconfidência, Cláudio César, os elogios são recorrentes e a procura aumentou. “Quinze minutos antes de abrirmos as portas, geralmente já existem visitantes aguardando”, observa. Outro destaque, segundo ele, é que, como as pessoas podem ficar mais tempo no Museu, não há tumultos e lotação de salas.

A mediadora Gabriela Buda acrescenta que as possibilidades aumentaram para quem vem a Ouro Preto. Ela afirma que a procura pelas visitas mediadas matinais sempre existiu. “Muita gente busca o serviço sem conhecer o horário de funcionamento. Abrir pela manhã é interessante. Percebo que os grupos vêm para passar um dia na cidade e ver todos os atrativos”, ressalta. “O horário estendido de funcionamento é ideal, pois nos auxilia”, completa o guia de turismo Roberto Ferreira.

Normalmente, ele inicia o roteiro pelo Inconfidência, porque a exposição de longa duração dá subsídios históricos e religiosos para a visita posterior a igrejas e outros museus. Ferreira explica que, devido às taxas de entrada, os turistas não vão a todas as atrações.

Língua Portuguesa. Ambos lecionam na Escola Estadual Paula Rocha, de Sabará, MG, e fizeram uma visita matinal mediada ao Inconfidência.

“O fato de o Museu abrir no turno da manhã facilita o trabalho dos docentes, porque não ficamos presos, dependendo de um horário de funcionamento”, enfatiza Cunha. O sacerdote Márcio José Looz, de Taió, SC, que visitou o Museu a turismo, após conhecer outras cidades históricas mineiras, também avalia a mudança como positiva: “É muito prática, porque é sempre melhor caminhar de manhã, quando o tempo é mais fresco”.

**Emprego** – Para que o Museu da Inconfidência pudesse aumentar o seu expediente em duas horas, incluindo fins de semana e feriados, foi necessário contratar, via licitação, mais funcionários para os setores de limpeza e vigilância. Atualmente, 24 pessoas fazem a segurança do prédio principal e seus três anexos, e oito são responsáveis por serviços gerais. A maioria dos beneficiados com as novas vagas criadas é ouro-pretana.

CLÁUDIA REGINA KLOCK  
ASSESSORA DE IMPRENSA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

**R**ompendo tradição que vinha dos tempos do reinado brasileiro de D. João VI, o Museu da Inconfidência se instalou fora da faixa litorânea do país. A conveniência da interiorização da cultura brasileira, defendida pelos representantes do Movimento Modernista de 1922, tornava-se realidade naquela quadra. Ouro Preto havia sido a primeira cidade histórica tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, redescoberto,

o quanto de interesse se achava em jogo por parte do governo. As urnas funerárias, ao chegarem, ficaram longamente expostas à visita pública no Rio de Janeiro.

Assinado o Decreto nº. 965, de 20 de dezembro de 1938, de criação do museu, foi realizada a transferência das ossadas para Ouro Preto, que contou com o acompanhamento do próprio Getúlio Vargas. Como se resolveu que ficariam recolhidas na sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Matriz de Antônio Dias,

## O Museu que acabou se encontrando



CLÁUDIA KLOCK

ATIVIDADE EDUCATIVA NA CASA DO PILAR, ANEXO III

já se encontrava no centro das atenções e iniciava sua carreira internacional com o estudo que sobre ele foi feito por Germain Bazin, na época conservador do Museu do Louvre. A criação do Inconfidência, não deixando de ser mais um acontecimento que surgia na mesma linha, decorreu de ação política que mal escondia suas intenções proselitistas.

Em 1936, o presidente Getúlio Vargas, que planejava a implantação da ditadura do Estado Novo, resolveu se fortalecer junto à população, apresentando-se como defensor de uma das nossas tradições mais sensíveis. Promoveu o repatriamento dos restos mortais dos inconfidentes condenados a degredo na África, onde se encontravam sepultados. As ações subsequentes, oficialmente articuladas, deixaram muito evidente

enquanto tinha andamento a obra de restauração do edifício da antiga Casa de Câmara e Cadeia, esvaziado da penitenciária que nele funcionou desde a primeira década do século, seu traslado na cidade, rigorosamente planejado, constituiu ato sem dúvida memorável. Estabeleceu-se um cortejo processional com a participação da comunidade escolar que, de bandeirinha em punho, desfilou aos olhos de uma população emocionada.

O Panteão dos Inconfidentes seria inaugurado a 21 de abril de 1942, no transcurso dos 150 anos da sentença de condenação dos conspiradores. A solenidade contou com a presença de inúmeras autoridades federais, entre as quais se destacavam os ministros Gustavo Capanema e Francisco Campos.

O governo que, durante o período da construção do Panteão, deixou uma locomotiva da Central do Brasil estacionada na cidade para o transporte de ida e volta das lajes de itacolomito (quartzito) que estavam sendo gravadas no Rio de Janeiro, continuaria mantendo o mesmo nível de apoio para a montagem do museu. Mandou vir da capital da República os originais do 7º volume dos Autos de Devassa, que continha a sentença condenatória de Tiradentes e duas traves da forca em que pendeu o mártir da Inconfidência na Praça da Lampadosa. O prestígio federal seria também decisivo para que a primeira grande doação de acervo acontecesse. O arcebispo de Mariana dom Helvécio Gomes de Oliveira, que vinha recolhendo peças de paróquias do interior com o propósito da organização de um museu de arte sacra na sede da arquidiocese, transferiu boa parte delas para o projeto que seria montado em Ouro Preto. Tudo pôde acontecer com muito desembaraço e, adquirida do Instituto Histórico de Ouro Preto, criado pelo intelectual Vicente Racioppi, expressiva quantidade de objetos e documentos relacionados com a evolução social de Minas e com a Inconfidência, o projeto já encontrava em condições de se tornar realidade. O plano geral da exposição foi sugerido pelo historiador Luiz Camillo de Oliveira Netto e a arrumação museográfica ficou a cargo do decorador suíço Georges Simoni, que desenvolvia outros projetos oficiais no Rio de Janeiro.

O resultado alcançado logrou repercussão nacional. Além de haver surgido, bafejado pelo prestígio da vinculação com a mais alta política vigente no país, o órgão se ajustava por completo à campanha modernista de resgate da riqueza do passado colonial mineiro. Pelo seu caráter inovador, o trabalho de montagem da exposição também constituiu grande trunfo. Numa revista denominada *Sombra*, na capital da república, o escritor e desenhista Luiz Jardim afirmava que pela primeira vez entre nós uma instituição daquela natureza estava sendo mais do que um depósito desorganizado de peças. Nela realmente uma inteligência ordenadora era visível para quem soubesse enxergar. Além de conseguir fazer agrupamento de objetos da mesma família em várias salas, Simoni soube estabelecer uma linha de eficiência estética que mesmo sendo mais de efeito decorativo garantiu a unidade do conjunto.

A filiação ao Estado Novo, se representou benefício para o museu no período da sua implantação, terminou por se converter em elemento altamente desfavorável quando, em consequência dos ventos liberais que passaram a soprar pelo mundo no final da guerra em 1945, ocorreu no Brasil o desmoronamento da ditadura. Os valores cívicos e culturais apresentados no Inconfidência eram sólidos. Calavam fundo na alma da nação. Sob esse aspecto, o órgão poderia se considerar independente do apadrinhamento político, que não tinha nada de inocente e só via conveniência em se colocar ao lado do que muito significava para a população brasileira. De qualquer maneira, suas possibilidades de sobrevivência

de repente se tornaram limitadas. Envolvido com a tarefa da restauração democrática, o país não tinha condições naquele momento de dar prioridade à cultura. O sistema como um todo amargou longo período de escassez de recursos, mais acentuado para o conjunto dos museus, que ainda estava longe de conquistar a evidência que tem hoje. Entre todos, o órgão que menos possuía condições para pleitear qualquer ajuda seria aquele que fora criado como elemento de conveniência ideológica do regime acabado de ser proscrito.

Três décadas após a abertura de suas portas, quando ocorreu o afastamento do segundo diretor, o Museu da Inconfidência não era mais nem sombra do que fora. Não dispo de orçamento próprio, sobrevivia com ridícula mesada destinada a despesas de pronto pagamento, recebida do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O quadro de funcionários, minado por sucessivas aposentadorias sem substituições, via-se reduzido a dois agentes administrativos e cinco guardas de sala. Estes últimos cuidavam da faxina no horário da manhã e à tarde vestiam uniforme para receber os visitantes, que chegavam a partir do meio-dia. A exposição desmontada no andar superior estava com as peças jogadas pelo chão, recebendo poeira. A cortina simbólica, inspirada na bandeira idealizada pelos inconfidentes, que compõe o Panteão, se encontrava rasgada. Numeroso volume de peças do acervo de reserva, amontoado num canto do que fora a antiga casa do carcereiro – estendido vão ladrilhado e sem forro –, se achava exposto a goteiras, fuligem chegada da rua e emanações de uma parede que lacrimejava atacada de sal, porque no passado ali funcionara também uma cozinha. Na exposição ou fora dela, o conjunto de objetos museológicos clamava por restauração. O prédio da Casa de Câmara e Cadeia, de grande robustez, necessitava de intervenção em ferragens de portas, janelas e havia uma figura danificada no topo da cimalha.

A caminhada para a revitalização do órgão teve início com Delso Renault, funcionário do Ministério da Educação designado para responder pelo expediente até a nomeação do novo diretor. Ajudado pela guarda, ele fez a reintegração do segundo andar, recolocando peças nas diversas salas, embora a primitiva museografia tenha sido impossível de se recuperar, devido ao desmantelamento do material de suporte expositivo. Substituída a cortina do Panteão, reparada parte da ferragem de janelas e portas do prédio e providenciado algum retoque de pintura para a melhoria do aspecto geral do ambiente, foi possível conseguir recurso para contrato de dois ou três funcionários por serviço prestado.

Terminada a longa diáspora de nove meses – tempo que o Serviço Nacional de Informação gastou para liberar a nomeação – o novo administrador do órgão, na ocasião exercendo o cargo de diretor executivo da Fundação de Arte de Ouro Preto–FAOP, trouxe de lá uma aluna acabada de se formar no curso de



VITRINE NA SALA DE CONSTRUÇÃO

ALDO ARAÚJO



DETALHE DA SALA ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS

ALDO ARAÚJO

restauração ministrado por Jair Afonso Inácio, Maria José de Assunção da Cunha, para iniciar o trabalho de conservação, sem dúvida a providência mais urgente a ser tomada. Ela trabalhou muito tempo praticamente de graça, recebendo pelo Fundo Fixo. Seu atelier foi o vão de uma das janelas da fachada do edifício, onde se dispôs uma mesa com cadeira. Quando conseguimos construir dois banheiros, colocar assoalho e forro na casa do carcereiro, encontramos meios de trazer também Elisabeth Salgado de Souza, que ministrara no Festival de Inverno e na FAOP alguns cursos de educação artística e veio para iniciar uma atividade de museu-escola, tentativa de integrar o Inconfidência na comunidade.

Esses foram os primeiros passos de uma tímida revolução, aos poucos tomada possível devido à criação, dentro do IPHAN, do Grupo de Museus e Casas Históricas de Minas Gerais, cuja coordenação ficou a cargo do diretor do Museu da Inconfidência, o responsável por este relato. De repente, surgia um período de certa bonança. Levamos a efeito a restauração e ampliação da antiga casa do carcereiro, que deu origem a auditório, sala de exposições temporárias e reserva técnica. Concluímos a reforma da Casa do Pilar, obra que há 20 anos vinha sendo retardada pelo Patrimônio Histórico, devido a compromissos mais urgentes a serem cumpridos. Foi possível instalar no imóvel diversos serviços. O Setor Educativo. O Laboratório de Conservação e Restauração. O Arquivo Histórico, que nasceu da transferência do arquivo do Barão de Camargo, há anos ocupando um canto de parede do gabinete do diretor, na Casa de Câmara e Cadeia, e do arquivo de documentação cartorial, que estava aos poucos se desfazendo no sótão da Casa da Baronesa, atacado por goteiras, insetos daninhos e pela gatunagem de pesquisadores mal intencionados. A Biblioteca que, igualmente por falta de espaço, cobria o que restava das paredes no gabinete do diretor. O Setor de Documentação Museológica. O Setor de Pesquisa Histórica. O Setor Administrativo.

A essa altura, o diretor do Museu já acumulava também a função de coordenador do recém-criado Programa Nacional de Museus. A conseqüente movimentação de recursos mais vultosos permitiu o contrato de terceirizados e tornou possível o povoamento dos vários setores. Mesmo as várias unidades do Grupo de Museus e Casas Históricas puderam ser organizada em bases mais realistas, com o acréscimo de melhores condições de segurança, sendo constituído além do mais um corpo geral de guarda armada dirigido a partir do Museu da Inconfidência.

A Biblioteca do museu, que tivera início com uma seleção sofisticada de títulos levada a efeito pelo fundador do IPHAN, Rodrigo Mello Franco de Andrade, mais que dobrou com a aquisição do acervo deixado pelo falecido historiador Tarquínio José Barbosa de Oliveira. O Arquivo Histórico viu-se enriquecido com variada documentação procedente dos séculos XVIII e XIX. Material sobre os inconfidentes, sobre artistas e outros personagens.

Recebeu vultoso lote de papéis musicais colecionados pelo musicólogo Francisco Curt Lange, adquirido no Uruguai, depois 37 traslados dos Autos da Devassa, referentes aos réus eclesiásticos envolvidos com a conspiração da Inconfidência, vindos também do exterior. Estas duas últimas aquisições sobrelevam em significação. As partes e partituras coletadas pelo descobridor da música colonial brasileira, ao longo de suas pesquisas, acabaram se convertendo numa das mais importantes coleções dessa natureza existentes no país. Contando com cerca de um metro cúbico de manuscritos, ela foi a origem de todos os arquivos de obras de compositores coloniais existentes em Minas Gerais. Os processos de condenação dos padres foram mandados recolher por D. Maria I que, católica fervorosa, não desejava vê-los expostos à curiosidade pública. Entregou-os aos cuidados do Conde de Galveias, que havia sido governador de Minas. No século passado, os descendentes do nobre português, espoliados dos seus bens pela Revolução dos Cravos, resolveram fazer dinheiro com aquela relíquia. Havendo o presidente Ernesto Geisel recusado a efetuar a compra ao ser informado, o *Anuário do Museu da Inconfidência* já havia feito a divulgação do conteúdo das peças, o negócio teve que ser feito por arrematação, quando a imprensa brasileira começou a denunciar que documentação fundamental do país estava sendo leiloada em Londres.

A análise das condições gerais do Museu da Inconfidência àquela altura estava a indicar; a recuperação integral do órgão só se completaria com a reforma da exposição de longa duração, embora ela fosse aceita sem questionamentos e até considerada insubstituível por muita gente. Na verdade, tais alegações não tinham razão de ser. Bastaria se lembrar, o que vinha funcionando no segundo piso não passava de remontagem improvisada e insuficiente. Os detalhes da primitiva arrumação não puderam ser recuperados. Até divisórias criadas por Georges Simoni haviam se perdido. Por outro lado, o todo do museu sobrevivia com suportes muito envelhecidos. À medida que se aprofundava o exame da casa, objeções fundamentais vinham à tona. Embora no projeto original algumas salas, devido à coerência do grupo de objetos que as constituíam, houvessem sido estruturadas com propósito narrativo, o que comandava a mais vasta organização do conjunto não passava de um propósito decorativo, não fosse esta a profissão do técnico que ali funcionara. Em sua defesa, temos que admitir, a aprovação alcançada pelo trabalho dele tinha razão de ser. A tendência museográfica da época era tão somente a apresentação de um acervo em condições visualmente harmoniosas. O segundo problema que nos chamou a atenção parecia ainda mais sério. Criado por decreto para ser o Museu da Inconfidência, ele de fato não correspondia ao desejo do legislador.

Realizado pelo IPHAN um levantamento do que existia de memória do movimento político de 1789, pouca coisa se encontrou. Só se conseguiu material

para a organização de uma única sala, que tomou o nome de Relíquias da Inconfidência. O total do prédio, que impressionava pelo tamanho, por salões de grande generosidade, teve que ser preenchido com uma simplificada mostra sobre a história de Minas Gerais no período colonial. Como o tema, por sua vez, só pôde ser abordado superficialmente, ocorreu até uma espécie de interferência impressionista, que parecia querer convencer pela apresentação de objetos repetidos à exaustão. Confundia-se com vitrina de antiquário o que de forma mais sóbria devia ser constituído. Finalmente, chegou-se a constatar algo ainda mais condenável. Flagramos a contaminação de uma ideologia procurando se apropriar da memória da conspiração, tirando dela a sua pureza de ação libertária. Criado pelo governo Vargas no momento da implantação da ditadura quando era forte a influência do Integralismo, o Panteão da Inconfidência surgiu sob inspiração do pensamento fascista. Os brasileiros que estavam sendo repatriados foram recolhidos ali como heróis messiânicos, intemporais, que deviam ser cultuados em termos absolutos, desprezada a sua contextualização histórica.

A intervenção final, que encerraria o trabalho de recuperação e modernização do museu só veio a acontecer na primeira década do século atual. Como foi possível dar solução para o conjunto desses problemas? A deficiência básica que comprometia o órgão como um todo foi atacada no momento em que se procurou determinar os fatores que deram origem à conspiração, iniciada não se podia precisar por quem, mas foi sem dúvida consequência da grande agitação de ideias que prenunciava uma realidade nova para o ocidente e já havia alcançado resultados concretos com a constituição dos Estados Unidos da América do Norte, recém-emancipados da Inglaterra. Não havendo possibilidade da indicação de um precursor individual para o movimento, o local do seu acontecimento – a região das minas – constituía fato histórico incontestável. Mas fomos além dessa constatação ao concluir que só havia mesmo condições para que ele ocorresse em Vila Rica.

Até o final dos setecentos, o centro de gravidade da colônia achava-se localizado no nordeste. Os latifúndios formados em torno da produção açucareira, sustentando o fluxo financeiro estabelecido com a metrópole, concentravam em torno de si o grande contingente da força de trabalho disponível. Naquela área ninguém estava em condição de pensar em independência, uma vez que a lei portuguesa é que garantia a posse da terra. As diversas povoações, que lutavam por existir no vasto território nacional despovoado, se encontravam em fase elementar de desenvolvimento. Não iam muito além de entrepostos de abastecimento e passagem. A mineração, na sua expressão maior de Vila Rica, é que iria permitir o aparecimento do primeiro núcleo urbano perfeitamente constituído. Nela foram reunindo pessoas que trabalhavam por conta própria ou agrupamentos pouco adensados que garantiam independência de

pensamento. Eram trabalhadores e artífices de diversas especialidades, servidores públicos, profissionais liberais, militares, padres, negociantes de porte médio, pequenos agricultores, pequenos proprietários. Essa gente presenciava o sacrifício da população na região das minas, o endurecimento cada vez maior da fiscalização para a cobrança do quinto, a ponto de se encontrar no ar a ameaça de decretação de derrama, e não estava presa a nenhum compromisso ou conveniência semelhante ao que se passava com os proprietários nordestinos. Em Vila Rica é que houve de fato massa crítica para se pensar no rompimento com Portugal. Além disso, nela é que existiam, com o ouro, condições para um real confronto com a metrópole. Tal constatação de saída reduz a importância de movimentos surgidos em Pernambuco e na Bahia, muito comentados por certos historiadores, na verdade apenas interessados em sustentar disputas regionais.

A saída para conclusão da reforma que havia iniciado estava a nosso ver definida. Revelar o que foi o movimento político de 1789 envolveria necessariamente o esforço de tentar compreender a base social imediata que a gerou. O estudo da conspiração teria que ser feito de forma conjugada com o estudo de Vila Rica. Só assim se chegaria a realizar um completo e verdadeiro Museu da Inconfidência. O plano museológico que em consequência foi elaborado estabeleceu a divisão da mostra em dois segmentos para a ocupação dos dois pisos do edifício. Em baixo, seria apresentada a infraestrutura da evolução social, econômica e política da vila e, em cima, a consequente superestrutura. No andar térreo se procuraria estudar desde a origem mais primitiva dos pequenos arraiais, quando a região era ocupada ainda por tribos indígenas, passando em seguida pela constituição da vila, expondo o ambiente de sombras de um período em que estavam vigentes os efeitos da Contrarreforma, do Barroco, do absolutismo, e promovendo a transição – com o recurso museográfico da apresentação do salão imediato inteiramente pintado de branco – para o ambiente do iluminismo, da agitação de ideias em torno dos direitos individuais, do governo dos homens constituído em República com dirigente escolhido pelo voto livre de cada cidadão. E, para terminar, com a caracterização da fase imperial, já no país independente, quando a cidade pôde chegar à consolidação do seu desenvolvimento.

A mostra do piso superior estabeleceu a sua unidade com a apresentação da procissão do Triunfo Eucarístico, na sala que se abre para o *hall* da escadaria. A festa de trasladação do Santíssimo da Igreja do Rosário para a Matriz do Pilar, de onde fora provisoriamente retirado durante o período de uma reforma da edificação, como se sabe, aconteceu como verdadeira explosão, um caótico amontoado de produtos culturais sendo apresentado. Ao se deslocar pela rua, o cortejo exibia objetos de religiosidade cristã e pagã, de arte erudita e popular, de música, poesias, pinturas, desenhos, cartazes,

declamações e encenações teatrais. Assumindo aquela posição central, simbolicamente fazia a união de tudo o que compõe aquele pavimento. Sala Arte e Religião, Sala das Irmandades Religiosas, Sala dos Oratórios, Sala do Aleijadinho, Sala do Mobiliário, Sala D. Maria I, Sala Manoel da Costa Athaide, Sala de Pintura e Escultura.

No primeiro patamar da escadaria, que no *hall* central faz a articulação dos dois pavimentos, um grande retábulo originário da Fazenda Serra Negra se encontra instalado na parede, a dois metros e setenta de altura, permitindo o trânsito de pessoas sob a sua base. A visão espalmada dele, que fica voltado inteiro para quem sobe do andar térreo ou circula em cima, no corredor formado pelo guarda-corpo de ligação dos lances de degraus da direita e da esquerda, é completada por dois anjos de tamanho humano, de autoria de Vicente Vieira Servas, instalados em vãos de janelas. Uma dupla de anjos do tipo convite, também de grande porte, que na exposição primitiva ficava no chão, encaminhando o visitante para a porta de entrada do segundo andar, foram localizados nas quinas do guarda-corpo, no ponto mais elevado. Toda essa arrumação visa chamar a atenção para a monumentalidade do edifício, que nunca havia sido explorada.

A Sala da Mineração e a apresentação de mobiliário que pertenceu ao contratador João Rodrigues de Macedo foram recursos utilizados para a contextualização dos inconfidentes, que conviveram com a dura realidade da produção aurífera, envolvendo brancos e negros, disputas armadas, sacrifícios de toda ordem, e com o grande capital, que sem dúvida permeou a tentativa de rebelião. O movimento teve motivações econômicas, como ficou evidenciado na obra *A Devassa da Devassa*, de Kenneth Maxwell, que pesquisou a documentação fazendária do período. A Inconfidência não se limitou a simples episódio romântico envolvendo poetas com suas musas infelicitadas pelo amor interrompido, que agregava ainda outros idealistas, negociantes, fazendeiros, religiosos, militares, profissionais liberais recém-formados, que enfrentavam seu primeiro tosco embate com a realidade.

A arquitetura museográfica foi desenvolvida pelo especialista francês Pierre Catel, perito em adaptações em prédios históricos. As vitrinas monumentais que criou deram sequência à exploração da robustez e elevados pés-direitos dos vastos salões da Casa de Câmara e Cadeia. A sábia disposição das peças fez com que cada uma ganhasse seu espaço próprio, podendo se exibir com autonomia e personalidade. A iluminação, demerizada no seu conjunto, soube se concentrar sobre as vitrinas e os objetos expostos, conferindo indiscutível aspecto de modernidade à casa.

O acervo apresentado é dos mais ricos. Imbatível enquanto testemunho da civilização do Ciclo do Ouro, que suplantando o poderio dos latifúndios nordestinos voltados para a produção do açúcar, transferiu para as minas o centro econômico da colônia. Ele interessa

aos estrangeiros que desejam tomar conhecimento do que foram os séculos XVIII e XIX entre nós e aos brasileiros que podem vir aqui beber na fonte das suas raízes mais autênticas. A Inconfidência Mineira despeja significação sobre a independência que, se não contasse com a retaguarda dela, seria apenas um ato burocrático vazio, destituído de contribuição popular. O Presidente Juscelino Kubistchek compreendeu perfeitamente essa questão e instituiu as celebrações de 21 de abril, quando o governo do Estado e a nação, num encontro diante do Museu da Inconfidência, anualmente homenageia a personalidade símbolo de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

O museu tem a honra de contribuir para o estudo e a divulgação de duas personalidades que se tornaram marcos definitivos da nossa cultura, cada um em seu campo de atividade, dando o máximo que entre nós pôde ser alcançado pela bravura cívica e o gênio

do império, papéis musicais onde sobressai a coleção formada por Francisco Curt Lange, o descobridor da nossa música colonial, documentos relacionados com a Conspiração de 1789, incluindo traslados dos réus eclesiásticos, documentos de natureza fazendária e eleitoral. A Biblioteca que entre livros comuns, obras raras e periódicos totaliza um acervo de 18.228 itens, além de dar suporte ao nosso trabalho técnico, atende a pesquisadores. O Laboratório de Restauração e Conservação, o Setor Educativo e o Setor de Musicologia, na expectativa de verem completos os seus quadros funcionais a partir de concurso público, passam por período de transição, mas continuam de qualquer forma por meio de contratos para realização de serviços, trabalhando em nível satisfatório. Os Setores de Pesquisa, Documentação Museológica, Promoção Cultural e Comunicação possuem grande vitalidade. A *Oficina do Inconfidência – Revista de Trabalho*, que não fica restrita



ALDO ARAÚJO

DETALHE DA MAQUETE NA SALA DA MINERAÇÃO

criador. Uma lei federal declarou Tiradentes Patrono da Nação Brasileira e outra, Antônio Francisco Lisboa Patrono das Artes no Brasil. Se no adro do Santuário de Bom Jesus de Matozinhos, de Congonhas do Campo, podemos visitar o conjunto mais expressivo da obra de Antônio Francisco Lisboa, o nosso museu conseguiu montar uma sala inteira com peças que documentam os vários caminhos criadores percorridos pelo arquiteto, o escultor, o entalhador, o projetista de altares e de móveis. Ali se encontram também mais de quarenta recibos que documentam a produção do artista multifário e alguns desenhos que testemunham o domínio completo que ele possuía nesse campo, únicas peças até hoje encontradas.

O Museu da Inconfidência é um órgão bastante completo. A base fundamental do Arquivo Histórico é um número elevado de processos que tiveram curso na justiça local nos séculos XVIII e XIX, mas a ele foi juntado o arquivo particular do Barão de Camargo, senador

ao que produzem os pesquisadores da casa, constitui um estuário anual de divulgação de alta cultura e o boletim *Isto é Inconfidência*, de distribuição trimestral, destinado a um público de nível médio, colecionado por intelectuais e requisitado por bibliotecas de universidades, tem alcançado resultados na verdade superiores aos das suas intenções. A Reserva Técnica, muito completa, é das melhores existentes no país e a Loja e Café, mantida pela Associação de Amigos, de padrão elevado, completa o conjunto dos serviços que o museu oferece.

Nossas portas se abrem de terça-feira a domingo, no horário das 10 às 18 horas, para receber uma massa de mais de 150 mil visitantes anuais e exposições temporárias são oferecidas no Anexo I, com a contribuição do vizinho Auditório-Sala de Projeções.

RUI MOURÃO



*O Museu da Inconfidência tem um pouco da nossa evolução e crescimento social.*

**NILTON SILVA**  
VIA WWW.FACEBOOK.COM/MUSEUDAINCONFIDENCIA

*Felicitações pelos 70 anos do Museu da Inconfidência, que conta com a grande competência e dedicação do diretor, Rui Mourão.*

**IRAPOAN CAVALCANTI**  
DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

*Sempre tive curiosidade em conhecer o Museu e o site foi muito esclarecedor e tentador. Parabéns pela iniciativa de traduzi-lo para o inglês. Está muito bem feito.*

**JEFFERSON M.**  
VIA WWW.MUSEUDAINCONFIDENCIA.GOV.BR

*Recebemos e agradecemos o envio da revista Oficina do Inconfidência, que foi incorporada ao nosso acervo.*

**CÉLIA DA COSTA**  
CHEFE DA HEMEROTECA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

*Parabenizo o Inconfidência pelos relevantes serviços prestados à cultura brasileira durante esta longa trajetória institucional. Transmito os melhores cumprimentos do ICOM Brasil à laboriosa equipe desse Museu.*

**MARIA IGNEZ MANTOVANI FRANCO**  
PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS – ICOM BRASIL

*Parabéns à equipe do Museu da Inconfidência por apoiar as consistentes manifestações artísticas de nosso Estado.*

**ANDRÉA DE MAGALHÃES MATOS** | DA VIA SOCIAL – PROJETOS CULTURAIS E SOCIAIS

*Recebam nossos cumprimentos e congratulações pela exposição A Ceia Brasileira de Ismailovitch, homenagem ao Bicentenário do Aleijadinho.*

**OLAVO MACHADO JÚNIOR**  
PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS

*Agradecemos o envio do Isto É Inconfidência.*

**FLÁVIA LIMOEIRO FIGUEIREDO**  
DIRETORA INTERINA DO MUSEU SOLAR MONJARDIM

*Belo e amplo local para conhecer um pouco da história e cultura da região, que se confunde com a história do país. Acervo riquíssimo e bem detalhado, que em seus corredores faz jus a cada minuto e cada centavo pago pela atração.*

**ANDERSON PEREIRA**  
DE PINDAMONHANGABA, SP VIA TRIP ADVISOR

*A memória viva da Inconfidência Mineira. Obrigatório no roteiro da viagem.*

**TALES PEIXOTO**  
DE SANTA MARIA, RS, VIA TRIP ADVISOR

*O Museu da Inconfidência é dos melhores do país. Sua estrutura em estilo europeu o torna bastante agradável.*

**ANTÔNIO S.**  
DE TERESINA, PI, VIA TRIP ADVISOR

*Excelente o audioguia, verdadeira aula de história ilustrada. Museu de nível internacional.*

**LUIZ EDUARDO B.**  
VIA TRIP ADVISOR

*Museu extremamente organizado, bem cuidado e com muitos itens. As peças ganharam iluminação cênica que valoriza ainda mais a História. Guardas educados e atentos. Muito bom!*

**RENATA TATÁ**  
DO RIO DE JANEIRO, RJ, VIA TRIP ADVISOR

*Fiquei impressionado com o acervo e a estrutura do museu. Excelente!*

**AIRTON P.**  
DE JABOATÃO DOS GUARARAPES, PE, VIA TRIP ADVISOR

*Visitar o Museu da Inconfidência é, no mínimo, emocionante. Uma verdadeira viagem pela história e por uns dos momentos mais marcantes do país. Passeio para toda a família e para todas as idades. O acervo é muito bom e bem preservado.*

**REBECCA G.**  
DE NATAL, RN, VIA TRIP ADVISOR

*Fundado em 1944, o Museu da Inconfidência completou setenta anos com fôlego renovado. Unem-se um acervo histórico e artístico fantástico a uma fabulosa biblioteca e arquivo documental, que fazem a festa dos pesquisadores. Lá dentro do prédio bicentenário está o Panteão dos Inconfidentes, com os restos (i)mortais dos que lutaram por nossa independência, espécie de Meca brasileira, onde todo brasileiro deveria ir ao menos uma vez na vida, para refletir sobre nosso passado, presente e futuro. Imperdível.*

**EDVALDO P.**  
DE OURO PRETO, MG, VIA TRIP ADVISOR

*A sensação que fica é que você está conhecendo uma história do Brasil que você não vê nos livros. Objetos raros e conservados fazem valer a visita ao Museu.*

**ARI SANTOS**  
DE MANAUS, AM, VIA TRIP ADVISOR

*Surpreendente! O Museu possui boa estrutura. Com peças intrigantes e organizado, ele nos remete a outro tempo.*

**CESAR DONATO**  
DE PATOS DE MINAS, MG, VIA TRIP ADVISOR

*Impossível não conhecer essa espécie de Louvre brasileiro do período colonial. Aqui a alma da inconfidência mineira encontra guarida em um prédio que foi cadeia e câmara. São objetos de arte sacra, instrumentos coloniais e uma infinidade de peças do período colonial mineiro. Imperdível.*

**JOSEB NETO**  
BELÉM, AL, VIA TRIP ADVISOR

Maravilhoso. Os funcionários, além de muito educados, são apaixonados pelo trabalho. Todos dão aula de história, fazendo com que a visita se torne agradável.

**GLORIS I.**  
VIA TRIP ADVISOR

Equipe nota mil do museu. Super atenciosa. Ao perceber que meu filho de oito anos era deficiente visual, imediatamente um segurança se dispôs a nos acompanhar para permitir que ele pudesse tocar algumas peças do acervo, como a força que executou Tiradentes. O moleque adorou! Excelente passeio.

**RODRIGO D.**  
VIA TRIP ADVISOR

Interessante prédio do ponto de vista histórico e da arquitetura. Antes subutilizado, hoje remodelado, vale a visita.

**LUD AVELAR**  
DE BELO HORIZONTE, MG, VIA TRIP ADVISOR

Excelente a iniciativa de chamar um especialista francês para dispor as peças e organizar a iluminação. Recomendo o Museu para quem ama cultura e história.

**ANGÉLICA R.**  
DO RIO DE JANEIRO, RJ, VIA TRIP ADVISOR

Gostei bastante desse Museu. Muito bem organizado e autoexplicativo, além de estar hospedado num prédio belíssimo. Destaque para os funcionários, sempre dispostos a sanar dúvidas. Eles conhecem muito bem a história contada no museu, ainda que isso não faça parte de suas atribuições, a exemplo dos seguranças.

**ANA CAROLINA G.**  
DE SALVADOR, BA, VIA TRIP ADVISOR

Sempre importante visitar o Inconfidência, passar pelas exposições temporárias do Anexo e comprar lembranças e livros na lojinha.

**BETE SALGADO**  
DE ILHÉUS, BA, EX-FUNCIONÁRIA DO MUSEU, VIA TRIP ADVISOR

Uma viagem ao passado. Museu de nível internacional. Surpreendente a estrutura e as raras curiosidades e informações que encontramos por lá. Todo turista precisa visitar!

**PAULLO S.**  
DE BARRA DO PIRAÍ, RJ, VIA TRIP ADVISOR

Para quem é amante da história, o local é imperdível. Vale a pena alugar o audioguia. Museu padrão internacional. Parabéns à administração.

**MARCIA V.**  
VIA TRIP ADVISOR

Local que dispensa qualquer elogio. Ele por si já vale a viagem para Ouro Preto. Passagem obrigatória.

**WELBER SKAULL**  
DE DIVINÓPOLIS, MG, VIA TRIP ADVISOR

Agradeço o constante envio do Isto É Inconfidência. É um excelente informativo e gosto muito de lê-lo, da primeira à última linha. Tenho interesse cultural em sua leitura. Bem sabemos todos da importância histórica de Ouro Preto e do Museu. Ademais, aí estudei interno no Colégio Arquidiocesano, em 1956 e 1957. Gostei do editorial e de todas as matérias.

**DANILO GOMES**  
MEMBRO DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

## Documentos musicais do Museu da Inconfidência estão disponíveis na internet

A base de dados de documentos musicais MIMus – Museu da Inconfidência Musicologia, com cerca de 1,3 mil obras musicais de autores nacionais e europeus, datadas do século XVIII ao início do XX, está disponível online ([www.museudainconfidencia.gov.br/musicologia/mimus/busca\\_novo.php](http://www.museudainconfidencia.gov.br/musicologia/mimus/busca_novo.php)). Até o momento, podem ser pesquisados dados históricos e detalhes dos verbetes das coleções Francisco Curt Lange, Arquivo Público Mineiro, Anália Esteves Ribas e José Luiz Pompeu da Silva, presentes no acervo do Museu.

O sistema Microsis, software de armazenamento desenvolvido pela Unesco, foi usado para recuperar os dados. Basta digitar uma palavra-chave ou números que o resultado é exibido na tela. A organização do material foi feita pela

musicóloga Mary Angela Biason. O preparo para a internet foi responsabilidade do doutor em Ciência da Informação pela ECI-UFMG, Agnaldo Lopes Martins, e das bibliotecárias especialistas em Microsis Ana Maria de Mendonça, Mariângela Macedo Cunha Poni e Lúcia Maria Alves.

VERBAS – A consolidação da base de dados foi possível graças a incentivos do Instituto Brasileiro de Museus – Ibram, via Ministério da Cultura, e apoio da Fundação Vitae e da Caixa Econômica Federal. A expectativa é que, futuramente, as demais coleções depositadas no acervo do Museu da Inconfidência, que ainda não passaram por tratamento técnico, sejam disponibilizadas, a exemplo das Coleções Cacilda Coeli Clímaco, Joaquim Nunes de Carvalho e Família Gesteira.

MUSEU DA INCONFIDÊNCIA - OURO PRETO/MG - BRASIL.

**MIMUS**

Selecione a coleção:

Francisco Curt Lange  Anália Esteves Ribas  Arquivo Público Mineiro  José Luiz Pompeu da Silva

Digite uma palavra chave:

Buscar

## Curt Lange

O Inconfidência recebeu, em dezembro, o diploma de nomeação da Coleção Francisco Curt Lange, de documentos musicais no Registro do Programa Memória do Mundo (MOW, em inglês), da Organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura (Unesco). A cerimônia de entrega do título foi realizada no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro. A coleção reúne mais de mil obras oriundas de várias cidades mineiras e se encontra no setor de Musicologia da Casa Setecentista do Pilar, Anexo III do Museu. É resultado das pesquisas do musicólogo alemão Francisco Curt Lange, realizadas nas décadas de 1940 e 50. O Programa Memória do Mundo foi criado em 1992 e reconhece documentos, arquivos e bibliotecas de grande valor como patrimônio da humanidade.

## Semana de Museus

A 13ª Semana Nacional de Museus ocorrerá de 18 a 24 de maio, sob o tema *Museus para uma sociedade sustentável*. As inscrições estão abertas até 22 de fevereiro, no site do Instituto Brasileiro de Museus – Ibram ([www.museus.gov.br](http://www.museus.gov.br)). O evento, como sempre, comemora o Dia Internacional de Museus, 18 de maio. Anualmente o assunto abordado é de escolha do Conselho Internacional de Museus – Icom. O Brasil é dos países que mais celebram o evento. Em 2014, 1.337 instituições realizaram mais de quatro mil atividades inspiradas no tema *Museus: coleções criam conexões*. A consequência foi o incremento de 103% nas visitas do período.

## Carnaval

No Carnaval, o Inconfidência funcionará normalmente no sábado e na Quarta-feira de Cinzas. No domingo o horário será das 8 às 14h. Não haverá expediente na segunda, como usual, e terça-feira será feriado.

## MinC

O sociólogo Juca Ferreira é o novo ministro da Cultura do governo Dilma Rousseff. Pela segunda vez, ele assume o comando da pasta. Exerceu o cargo de 28 de julho de 2008 a 31 de dezembro de 2010, depois de ter sido secretário-executivo durante a gestão de Gilberto Gil.

## Livro

O livro *Ouro Preto: Museus* foi lançado no fim do ano passado pela Editora Ouro Preto, com apoio da Gerda, via Lei Federal de Incentivo à Cultura. Reúne as principais informações sobre os 13 museus da cidade, com detalhes sobre acervo, história, atrações e projetos sociais. Organizada pelo editor Paulo Lemos com apoio do turismólogo Raphael Simões, a obra contou com coordenação geral de Pollyanna Assis e trabalho fotográfico de Dimas Guedes. Os exemplares foram distribuídos aos museus e às bibliotecas públicas locais. As servidoras do Inconfidência, Suely Perucci e Carmem Silva Lemos, redigiram o capítulo *Museu Aberto Cidade Viva*. O diretor, Rui Mourão, assina *Museu da Inconfidência*.

## Loja

A loja do Museu da Inconfidência está com até 50% de desconto em diversos produtos. Os preços são válidos enquanto durar o estoque. Destaque para a mala do caixeiro viajante, de 120 por 80 reais, jogo Viramundo, de 55 por 30; squeeze plástico, de 5 por 3; cartões postais, de 2 por 1 cada, porta-CD, de 10 por 5. A loja funciona no mesmo horário da visitação, de terça a domingo, das 10 às 18h. Mais informações: [lojadomuseu@yahoo.com.br](mailto:lojadomuseu@yahoo.com.br) ou (31) 3551-0653.

## Ismailovitch

A mostra *A ceia brasileira de Ismailovitch - Homenagem ao Alejandrinho*, com pinturas e desenhos do artista russo-brasileiro Dimitri Ismailovitch (1890-1976), esteve em cartaz na Sala Manoel da Costa Athaide nos meses de outubro e novembro. O material exposto resultou de mais de duas décadas de estudos sobre a obra do mestre do barroco. Ismailovitch foi exímio retratista, de orientação realista. Um de seus principais trabalhos, *Ceia - Homenagem ao Alejandrinho*, apresenta os personagens do escultor configurados nas figuras de Cristo e seus Apóstolos – alguns destes são os profetas de Congonhas, outro possui a cabeça do São Jorge, em exposição no Museu da Inconfidência. A curadoria foi de Margareth Monteiro, Janine Ojeda, Eduardo Mendes Cavalcanti e Aldo Araújo.

## Férias

De dezembro a janeiro, o Setor Educativo promoveu oficina de férias para crianças a partir dos seis anos, na Casa do Pilar. A proposta foi resgatar brincadeiras tradicionais, como pular corda e praticar diversas atividades. Bola de gude, peteca, amarelinha, dança das cadeiras, desenho, pintura e musicalização. Os participantes foram estimulados também a criar seus próprios brinquedos.

## Ibram

No dia 20 de janeiro, o Instituto Brasileiro de Museus completou seis anos. O órgão, responsável pela Política Nacional de Museus, coordena a administração de 30 museus e desenvolve política voltada para o universo completo das instituições dessa natureza no país. A autarquia é vinculada ao Ministério da Cultura e surgiu a partir da Lei nº 11.906/2009. Ele nasceu de um desdobramento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan.

## Primavera dos Museus

A 8ª Primavera dos Museus, promovida em setembro com o tema *Museus Criativos*, foi aberta no Inconfidência com a mostra *Dalí - A Divina Comédia*, na Sala Manoel da Costa Athaide, onde estiveram expostas cem aquarelas do pintor surrealista catalão Salvador Dalí ilustrando os poemas da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. As demais atividades foram caminhada ecológica no Parque Natural do Caraça, visitas mediadas do Museu, festival de bandas, workshop Waldorf, oficinas e retomada do Projeto Girassol, com passeio cultural de trem.

## Comissão Europeia

Encontro da Subcomissão da América Latina da Comissão Europeia para a Democracia através do Direito - mais conhecida como Comissão de Veneza - foi promovido em Ouro Preto no início de maio, para discussão de direitos sociais e crise econômica. Estiveram presentes o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, a Ministra Carmem Lúcia e demais Ministros e Presidentes dos Supremos Tribunais Federais da América do Sul. Ao término da reunião, o grupo visitou o Museu da Inconfidência, acompanhado pelo diretor, Rui Mourão, e dois guias bilíngues locais.